



In her new work, Eunice Maciel brings the power of dialogue to resolve conflicts

Eunice Maciel traz em sua nova obra, o poder do diálogo para resolver conflitos

In her new work 'Let's Talk?' the writer invites us to rethink our way of dealing with disagreements through mediation

Em sua nova obra 'Vamos Conversar?' a escritora nos convida a repensar nossa forma de lidar com desentendimentos por meio da mediação

Resolving conflicts may seem like a battle, but what if, instead of fighting, we sought understanding? In her new work, Eunice Maciel invites us to rethink our way of dealing with disagreements through mediation. Combining her knowledge as a mediator with her imagination as a writer, she brings us fictional cases that allow the reader to observe, as a "voyeur", this confidential procedure, and follow the work of the mediator in helping the parties to build their own agreement. During the procedures, pain, doubts, anger, fears and all kinds of feelings resurface, exposing the characters and inviting the reader to reflect on the attitudes and misunderstandings that put us on opposite sides of people who were once so important to us. The Winners spoke to the writer:

Resolver conflitos pode parecer uma batalha, mas e se, em vez de guerrear, buscássemos o entendimento? Em sua nova obra, Eunice Maciel nos convida a repensar nossa forma de lidar com desentendimentos por meio da mediação. Unindo seu conhecimento de mediadora à sua imaginação de escritora, ela nos traz casos fictícios que permitem ao leitor observar, como "voyeur", este procedimento que é confidencial, e acompanhar o trabalho do mediador de auxiliar as partes a construírem seu próprio acordo. Durante os procedimentos ressurtem dores, dúvidas, raiva, medos e todo tipo de sentimentos, desnudando os personagens e convidando o leitor à reflexão sobre as atitudes e os mal-entendidos que nos colocam em lados opostos de pessoas que já foram, um dia, tão importantes para nós. A The Winners conversou com a escritora:

The Winners – You are an economist and began writing about various segments in 2009. What led you to become a writer?

Eunice Maciel – I graduated in economics from UFRJ and worked for a while in the financial market. When I returned from a brief stint in the US - I spent three years there - I found myself working in another area, with more time for myself, and for fun - I always liked writing! - I decided to put on paper one of the stories I remembered telling my daughters. They liked the text, insisted that I publish it and, to my surprise, a publisher took an interest in the story, took a chance on me, and Eunice the writer was born. After writing five titles for kids, I finally plucked up the courage and presented my first novel for an adult audience, “Tombo”. The reception was good and, after the initial fear of having my writing judged by friends, family, acquaintances..., I started writing for this new audience, and the following year I made an e-book of short stories available online, “A Short Story a Day”, with the idea of encouraging those who don’t have the habit of reading to read daily. Finally, I am happy to present “Let’s Talk?” and to say that I have another text ready and another one being written. Aninha and her gang, my young adventurous characters, will have to stay on ice for a long time.

TW – ‘Let’s Talk?’ is a book about the power of mediation. How did the idea for this book come about?

EM – I discovered something that I like to do almost as much as writing: mediating. It’s interesting to delve into people’s stories, observe how they react to problems, realize that some become paralyzed, others go on the attack, many fight back, others run away, and there are those who don’t even realize that the problem exists. Acting as a mediator, I can help these people reach an agreement that puts an end to the conflict, takes a weight off their shoulders and annoyance out of their lives. Anyone who has experienced or has had to face a dispute knows exactly what I am talking about. But unfortunately, many people are unaware of mediation, or forget to resort to it when they face a problem, and end up filing a lawsuit in the traditional courts. The goal

The Winners – Você é economista e começou a escrever sobre diversos segmentos em 2009. O que a levou a tornar-se escritora?

Eunice Maciel – Me formei em economia pela UFRJ e trabalhei algum tempo no mercado financeiro. Quando voltei de uma breve temporada nos EUA - passei três anos lá - me vi trabalhando em outra área, com mais tempo para mim, e, por diversão - sempre gostei de escrever! – decidi colocar no papel uma das histórias que eu lembrava de ter contado para minhas filhas. Elas gostaram

CEZAR AUGUSTO



of this book is to distract the reader, who will identify with the characters - after all, who has never experienced a conflict? - and, in addition, introduce them to the procedure, allowing them, like a voyeur, to watch the mediation unfold.

TW – What have been your positive life experiences regarding the power of conversation? Do you remember any special episodes?

EM – Even difficult conversations are better than seemingly comfortable silence. If there is discontent in an ongoing relationship (when there is coexistence, whether at home, at work,

do texto, insistiram para eu publicá-lo e, para minha surpresa, uma editora se interessou pela história, apostou em mim, e nasceu a Eunice escritora. Depois de escrever cinco títulos para a garotada, finalmente tomei coragem e apresentei meu primeiro romance para o público adulto, o “Tombos”. A recepção foi boa e, passado o receio inicial de ter minha escrita julgada pelos amigos, família, conhecidos..., passei a escrever para esse novo público, e já no ano seguinte disponibilizei na rede um e-book de contos, “Um conto por dia”, com a ideia de incentivar a ler diariamente quem não tem o hábito da leitura. Finalmente, tenho a alegria de apresentar o “Vamos conversar?” e de dizer que tenho outro texto pronto e mais outro sendo escrito. A Aninha e sua turma, meus jovens personagens aventureiros, vão ter que ficar um bom tempo na “geladeira”.

TW – O ‘Vamos Conversar?’ é um livro sobre o poder da mediação. Como surgiu a ideia de criá-lo?

EM – Descobri algo que gosto de fazer quase tanto quanto escrever: mediar. É interessante mergulhar nas histórias das pessoas, observar como reagem aos problemas, perceber que algumas ficam paralisadas, outras partem para o ataque, muitas revidam, outras fogem, e há aquelas que nem percebem que o problema existe. Atuando como mediadora posso ajudar essas pessoas a construírem um acordo que coloca um ponto final no conflito, tira um peso de seus ombros e uma chateação de suas vidas. Quem vive ou já teve que enfrentar um litígio sabe bem do que estou falando. Mas, infelizmente, muitas pessoas desconhecem a mediação, ou se esquecem de recorrer a ela quando enfrentam um problema, e acabam ajuizando uma ação no judiciário tradicional. O objetivo deste livro é distrair o leitor, que vai se identificar com os personagens - afinal, quem nunca viveu um conflito? - e, de quebra, apresentar a ele o procedimento, permitindo que, como um voyeur, assista o desenrolar da mediação.

TW – Quais foram suas experiências positivas de vida em relação ao poder da conversa? Lembre de algum episódio especial?

EM – Mesmo as conversas difíceis são melhores do que o silêncio aparentemente confortável. Se há um descontentamento numa relação continuada (quando há a convivência, seja em casa, no



PICTURE RELEASE

at school, between neighbors...) it is important to bring it up in a civilized conversation, and expose the problem, willing to listen to what the other person has to say. I have been harmed by the lack of dialogue, and benefited by a good conversation. Many misunderstandings that end up escalating and becoming a big problem could have been eradicated by dialogue back then. But, I admit, it is often difficult to talk, especially if there is already a conflict and the subject is seen and perceived differently by those involved. At this point, the help of a mediator is needed to help the parties separate the people from the problems, identify their real needs (often different from the demand) and transport them to the other party's place so that the issue can be examined and discussed from the same perspective. Only then can dialogue take place.

TW – The work uses fictional elements to explain real life. In your opinion, is this the best strategy for drawing people's attention to something important?

EM – This is a good strategy, without a doubt. The cases presented are fictional, since one of the principles of mediation is confidentiality, and it is taken so seriously that, if an agreement is not reached through mediation, the information that emerges during the meetings cannot be used in the legal process. Life is full of examples of people in conflict and it is not difficult to transport to the fictional mediation rooms the many stories that people tell me, which happened to the cousin of the nephew of the neighbor's best friend. There is no shortage of material for stories, and, precisely because they are cases that affect all of our daily lives, the reader will find themselves in many of the situations presented.

TW – Do you see a greater need for conversation, given the behavior of the new generations?

EM – I wrote a short story a while ago called "Words spoken, written and emojis". In it, the character describes the fight she had with her boyfriend when he took a long time to answer her call, needed to talk quickly and said he would call her back later. "Later" turned into an entire day, and the girl, faced with so much neglect, wrote and sent the boy a long text, pouring her heart

trabalho, na escola, entre vizinhos...) é importante trazê-lo à tona numa conversa civilizada, e expor o problema disposto a escutar o que o outro tem a dizer. Já fui prejudicada pela falta de diálogo, e beneficiada por uma boa conversa. Muitos mal-entendidos que acabam escalando e virando um problemão poderiam ter sido erradicados pelo diálogo lá atrás. Mas, admito, muitas vezes é difícil conversar, sobretudo se já há um conflito instalado e o assunto é visto e percebido de forma diferente pelos envolvidos. Nesse momento é necessária a ajuda de um mediador que faça com que as partes separem as pessoas dos problemas, identifiquem suas reais necessidades (muitas vezes diferentes da demanda) e que as transportem até o lugar do outro para que o assunto possa ser examinado e discutido do mesmo ângulo de visão. Só então o diálogo passa a acontecer.

TW – A obra traz elementos fictícios para explicar a vida real. Na sua opinião, essa é a melhor estratégia de chamar atenção do ser humano para algo importante?

EM – Essa é uma boa estratégia, sem dúvida. Os casos apresentados são fictícios, já que um dos princípios da mediação é a confidencialidade, e ela é tão levada a sério que, caso não se chegue a um acordo através da mediação, as informações surgidas ao longo das reuniões não podem ser usadas no processo judicial. A vida é cheia de exemplos de pessoas em conflito e não é difícil transportar para as salas de mediação fictícias as muitas histórias que me contam, e que aconteceram com a prima do sobrinho do melhor amigo do vizinho. Material para os contos é o que não falta, e, justamente por serem casos do dia a dia de todos nós, o leitor vai se ver em muitas das situações apresentadas.

TW – Você enxerga uma maior necessidade de conversa, com o comportamento das novas gerações?

EM – Escrevi há tempos um conto chamado "Palavras ditas, escritas e emojis". Nele, a personagem descreve a briga que teve com o namorado quando ele demorou a atender sua ligação, precisou falar rapidinho e ficou de ligar depois. O "depois" virou um dia inteiro, e a mocinha, frente a tanto descaso, escreveu e mandou para o rapaz um texto quilométrico abrindo seu coração,

UNFORTUNATELY,
MANY PEOPLE
ARE UNAWARE
OF MEDIATION, OR
FORGET TO
RESORT TO IT
WHEN THEY FACE
A PROBLEM, AND
END UP FILING A
LAWSUIT
IN THE
TRADITIONAL
COURTS

MEDIATION NEEDS TO BE SEEN AS AN AGILE AND EFFECTIVE WAY OF DEALING WITH DISPUTES, AND IT SHOULD BE TRIED BEFORE RESORTING TO THE TRADITIONAL JUDICIARY

out, saying she was undervalued and asking him to call her so they could talk. When her boyfriend finally called, she couldn't answer, and when she, in turn, returned the call, it went to voicemail. Another day without news and the girl, suffering and in tears, ended the story saying that, full of anger, she sent another long text to the boy breaking off the relationship, saying that she didn't want to see him anymore and that he should disappear from her life. When asked about the end of the story, the indignant girl said that the response to her important message had been three stickers: a thumbs up, two praying hands, and a sad face. The anger she felt was not because of the end of the relationship, but because of the disproportion: a huge text versus three emojis?! The story illustrates well the difficulties that relationships face, precisely when we have so many ways to communicate, through written, spoken or recorded messages, transmitted at any time, as long as you have a computer or cell phone at hand. But ease and quantity are not always synonymous with quality. In addition to having to deal with the always-existing encounters and disagreements, we need to balance between words heard in hastily answered calls, messages written and altered by imperfect proofreaders, and emojis that are often misunderstood. We miss the good, uncomplicated and true "eye to eye" contact.

TW – What is the greatest reflection that this work can bring us?

EM – In short, I would say that conflicts exist, but if they are well managed, they can act as a driving force for personal growth. On the other hand, if they are ignored, they will probably escalate and will need to be addressed sooner or later. Dialogue is the way to reach consensus, and the mediator has the knowledge and tools to facilitate communication and help the parties build an agreement that meets the needs of all involved. Mediation needs to be seen as an agile and effective way of dealing with disputes, and it should be tried before resorting to the traditional judiciary, where we know how a fight starts, but we do not know how, when or at what cost - financial or emotional.

se dizendo pouco valorizada e pedindo para ele telefonar para conversarem. Quando o namorado finalmente telefonou, ela não pode atender, e quando ela, por sua vez, retornou o chamado, este caiu na caixa postal. Mais um dia sem notícias e a garota, sofrendo e em lágrimas, finalizou a história contando que, cheia de raiva, mandou outro texto imenso ao rapaz rompendo a relação, dizendo que não queria mais vê-lo e que desaparecesse da sua vida. Quando perguntada sobre o fim da história, a moça, indignada, contou que a resposta à sua importante mensagem haviam sido três figurinhas: um polegar para cima, duas mãozinhas em prece, e uma carinha triste. A raiva que sentia não era pelo fim do namoro, mas pela desproporção: um texto enorme versus três emojis?! O conto ilustra bem as dificuldades que enfrentam os relacionamentos, justo quando temos tantas maneiras de nos comunicarmos, por mensagens escritas, faladas ou gravadas, transmitidas a qualquer tempo, desde que se tenha à mão um computador ou celular. Mas, facilidade e quantidade nem sempre são sinônimos de qualidade. Além de termos que lidar com os encontros e desencontros que sempre existiram, precisamos nos equilibrar entre palavras ouvidas em ligações atendidas às pressas, mensagens escritas e alteradas por corretores imperfeitos, e emojis muitas vezes incompreendidos. Faz falta o bom, descomplicado e verdadeiro "olhos nos olhos".

TW – Qual a maior reflexão que essa obra pode nos trazer?

EM – De forma resumida eu diria que conflitos existem, mas se forem bem administrados podem funcionar como uma mola propulsora do crescimento pessoal. Por outro lado, se forem ignorados, provavelmente escalarão e precisarão ser enfrentados, mais cedo ou mais tarde. O diálogo é o caminho para se chegar ao consenso, e o mediador tem o conhecimento e as ferramentas para facilitar a comunicação e auxiliar as partes a construírem um acordo que atenda a todos os envolvidos. A mediação precisa ser vista como uma forma ágil e eficaz de lidar com o litígio, e que deve ser tentada antes de se partir para o judiciário tradicional, onde sabemos como uma briga começa, mas não sabemos como, e nem quando termina, e nem a que custo - financeiro ou emocional.



About Eunice Maciel

Eunice Maciel is an economist by training, a writer by passion and a conflict mediator since 2017, graduated from FGV-SP and certified by ICFML. Her literary career began in 2009, with *Perigo na Ilha*, her first adventure book, encouraged by her daughters. Since then, she has dedicated herself to children's literature, publishing the titles *Perdidos na Mina*; *Um Ano Difícil*; *Cuidado! Onça!* and, celebrating her ten years of writing, she published "*O Mistério da Ilha Grande*", a revised and expanded version of her debut work. In 2020, she concluded the series with *6 Meses Passam Rápido*. Expanding her audience, she released her first adult novel, *Tombos*, in 2021, and the short story collection *Um Conto por Dia* in 2023. With a mediator's perspective, she believes that conflicts are inherent to human beings and that, depending on how we deal with them, they can become a driving force for personal growth. "Conflicts make us question, change and evolve, and mediation is a powerful tool to face them in an adult, conscious and peaceful way — a much better alternative than a legal battle." TW

Sobre Eunice Maciel

Eunice Maciel é economista por formação, escritora por paixão e mediadora de conflitos desde 2017, formada pela FGV-SP e certificada pelo ICFML. Sua trajetória literária começou em 2009, com *Perigo na Ilha*, seu primeiro livro de aventuras, incentivada por suas filhas. Desde então, dedicou-se à literatura infantojuvenil, publicando os títulos *Perdidos na Mina*; *Um Ano Difícil*; *Cuidado! Onça!* e, comemorando seus dez anos de escrita, publicou "*O Mistério da Ilha Grande*", uma versão revisada e ampliada de sua obra de estreia. Em 2020, encerrou a série com *6 Meses Passam Rápido*. Expandindo seu público, lançou, em 2021, seu primeiro romance adulto, *Tombos*, e, em 2023, a coletânea de contos *Um Conto por Dia*. Com o olhar de mediadora acredita que os conflitos são inerentes ao ser humano e que, dependendo de como lidamos com eles, podem se tornar uma força propulsora para o crescimento pessoal. "Conflitos nos fazem questionar, mudar e evoluir, e a mediação é uma ferramenta poderosa para enfrentá-los de forma adulta, consciente e pacífica — uma alternativa muito melhor do que uma batalha judicial." TW